

**A REPRESENTAÇÃO DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS NA HISTORIOGRAFIA
MISSIONEIRA**

**"THE REPRESENTATION OF THE JESUIT REDUCTIONS IN MISSIONARY
HISTORIOGRAPHY"**

Recebido em: 30/12/2022

Aceito em: 20/04/2023

Tiara Cristiana Pimentel dos Santos¹ 

Resumo: O objetivo desta pesquisa é interpretar as representações históricas das missões jesuíticas, por meio da análise de diversas obras historiográficas escritas em períodos distintos, que tratam total ou parcialmente das reduções indígenas jesuíticas que ocuparam a região leste do rio Uruguai, no atual estado do Rio Grande do Sul. O estudo apresenta a interpretação de obras que incluem escritos de autores clássicos, bem como pesquisas históricas recentes, que contribuíram de maneira significativa para o entendimento do assunto proposto, permitindo uma visão da evolução das representações dos elementos das missões jesuíticas por meio das mudanças historiográficas das obras pesquisadas.

Palavras-chave: História; Historiografia; Missões Jesuíticas.

Abstract: The aim of this research is to interpret the historical representations of Jesuit missions, through the analysis of several historiographical works written in different periods, which deal entirely or partially with the Jesuit indigenous reductions that occupied the eastern region of the Uruguay River, in the current state of Rio Grande do Sul. The study presents the interpretation of works that include writings by classical authors, as well as recent historical research, which have contributed significantly to the understanding of the proposed subject, allowing a vision of the evolution of the representations of Jesuit mission elements through the historiographical changes of the researched works.

Keywords: History; Historiography; Jesuit Missions.

INTRODUÇÃO

Para abordar conceitos históricos de representação e o desenvolvimento da história cultural, é importante compreender os principais métodos históricos utilizados ao longo dos anos e as mudanças historiográficas ocorridas. Essas percepções são cruciais para a compreensão da pesquisa histórica, em específico a historiografia das missões jesuíticas tratadas nessa pesquisa.

É importante destacar que a compreensão da representação nas bibliografias utilizadas corresponde ao período em que o autor escreveu. Portanto, nem sempre é possível determinar

¹ Doutoranda em História Pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Bolsista Capes. E-mail: tiaracpds@gmail.com

com precisão se esses métodos estão relacionados às correntes historiográficas presentes nas obras.

No entanto, percebe-se que essas obras contribuem de alguma forma para a história das missões jesuíticas e como elas foram representadas pelo autor. Ao analisar as obras utilizadas, foram identificados escritos que se enquadram em diversas correntes historiográficas, permitindo capturar de forma subjetiva as diferentes abordagens presentes nas pesquisas do historiador.

Pode-se observar que a escrita de um historiador antigo, como Carlos Teschauer, não reflete as mesmas perspectivas e elementos históricos que um historiador mais recente, como Arno Alvarez Kern, que incorpora uma abordagem historiográfica diferente sobre as missões jesuíticas. Portanto, entende-se que as correntes e perspectivas historiográficas não são fixas, mas sim mutáveis e sujeitas a evolução com novas perspectivas científicas.

Os trabalhos, mas clássicos dentro desta pesquisa, se encaixam na escola metódica de um viés positivista, cujo principal método seria estar o historiador isento de qualquer influência pessoal, impedindo do autor fazer a sua interpretação sobre a fonte histórica em questão. É no escopo destes circunstanciamentos que abordamos o fenômeno *Inouvelle histoire*, “promover uma nova espécie de história” (BURKE, 1997 p.11) entendida como um continuum encadeado pela sucessão de gerações de historiadores que dominaram o poder historiográfico em quase todo o século XX, como entende Coutau-Begarie, ou um corte que faz diferir essencialmente a Nova História Social da sua matriz geradora, a *nouvelle histoire*, expressa nos manifestos de Le Goff “...uma história do poder sob todos os seus aspectos, nem todos políticos, uma história que inclua notadamente o simbólico e o imaginário”(1998 p.08) sobretudo, na diferença essencial entre duas obras fundantes: o *Mediterrâneo*, de Braudel, de 1949, e *montaillou* de Leroy Ladurie, publicada em 1975. As condições para emergência da *novelle historie*, tornam-se propícias já no fim dos anos 20 na Europa, quando os paradigmas positivistas de Langlois e Seignobos começaram a ser colocados em dúvida na França após a criação Nova, que reduziu o grupo dos pensadores da escola metódica. Marc Bloc e Lucien Febre, Professores em Strasbourg influenciados pela historiografia alemã, iniciaram o movimento que imediatamente acolheu novos parceiros, Fernand Braudel e Ernest Labrousse, tendo em vista na revista dos *Annales I* um veículo essencial para a difusão de novas ideias, de artigos e teses científicas para apresentar no meio acadêmico, uma nova história mais dinâmica, para uma nova escrita da

história. assim surge com êxito o movimento dos *Annales*, começando, um movimento que se estendeu, com os discípulos da escola dos *Annales*. Surge assim uma nova forma de escrever a história, os autores já utilizavam de sua interpretação, não sendo mais isento, de sua própria influência e de sua bagagem, intelectual e afetiva para criação da história científica.

Assim as crônicas e a reescrita de documentos como forma de história vão sendo deixadas de lado, bem com as histórias de heróis e de grandes feitos políticos, dando espaço para uma nova maneira de escrever a história, novos objetos e agentes, vão tomando espaço no campo epistemológico.

As narrativas cada vez mais vão se tornando importantes, adequando-se as perspectivas e interpretações dos historiadores. “Desta maneira, um relato narrativo pode representar um grupo de eventos que tem forma e o significado de um épico ou uma estória trágica, e um outro pode representar mesmo grupo com igual plausibilidade e sem violar nenhum registro factual. (WHAIT, 1993 p.23)”. Whait, traz a colocação de que as narrativas tomam importância, sem descaracterizar os fatos ou os documentos escritos, mas, tornam estes objetos historiográficos a própria história.

Deste modo as narrativas começam a homogeneizar dentro do campo da história, trazendo novos conceitos e ressignificando o modo de escrita de historiadores, como é o caso da história cultural, que surgiu através de debates e insatisfações do modo de se fazer a ciência histórica, incorporando e criando outros sentidos nesta ramificação, como a representação dentro das narrativas historiográfica.

REPRESENTAÇÃO E A HISTÓRIA CULTURAL

O conceito de representação, tem sido discutido e ampliado por historiadores ao longo dos anos, no que tange a construção da história cultural. Pesquisadores como Roger Chartier e Pierre Boudieu, foram os pioneiros quanto formulação e ampliação deste conceito para a história. Esta discussão surgiu por volta de 1960-1970, em torno do descontentamento que ocorriam sobre as produções históricas que envolviam a história cultural. " resposta à insatisfação sentida face à história cultural francesa dos anos 60 e 70, entendida na sua dupla vertente de história das mentalidades e de história serial, quantitativa" (CHARTIER, 1989, p. 13).

As novas discussões moviam as possibilidades de ampliação dos conceitos dentro da história cultural, juntamente com as ideias de Pierre Bordieu, que desenvolve suas perspectivas intelectuais voltadas para o Simbólico, sobre isso o autor coloca que “[...] os sistemas simbólicos como estruturas estruturadas (passíveis de uma análise estrutural)” e as estruturas estruturantes, ou seja, a “concordância das subjetividades estruturantes” (BOURDIEU, 1998, p.8). assim quando se compreende a estrutura social ao qual se compreende é possível dentro da história cultural criar mecanismos de afirmação de uma simbologia alocada para a criação de possíveis representações.

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (BOURDIEU, 1998, p. 149).

Nestas afirmações ambos os autores compartilhavam o mesmo ponto de vista, sobre as discussões complexas envolvendo o mundo social e as práticas culturais que por muito tempo não envolviam as histórias que não eram passíveis de discussão por determinados grupos.

Esses pesquisadores elaboraram o conceito retomando as ideias dos sociólogos Marcel Mauss e Emile Durkheim, o que sinaliza que o conceito representação vem sendo trabalhado há bastante tempo, contribuindo para os pesquisadores compreenderem a dinâmica e complexidade do mundo social e das práticas culturais (COELHO, 2014, p. 95).

Na história cultural o conceito de representação, foi articulado com as possibilidades de novas perspectivas históricas que antes, da década de 1960, a história cultural, não estava atrelada aos historiadores, quem fazia este papel de compreender a sociedade, arte e cultura eram os antropólogos, os folcloristas, e entre aqueles atrelados as antiguidades, a história cultural apesar de não ser nova, ela vem com uma proposta de pesquisar os elementos não enfatizados pela história.

Indo mais a fundo nas questões de retratação de uma história envolvendo a representação de determinado tema, a maneira como o imaginário vem mostrando sua representação ao longo dos anos, correspondem há uma necessidade de repensar a escrita, pois,

“a representação é, assim, compreendida em sua característica eminentemente discursiva/retórica, pois provêm de um lugar específico do discurso e pretende impor uma autoridade que justifique suas escolhas, ou seja, persuadir (VOIGT, 2011, p. 319).”

Pensando que quem escreve, escreve para alguém, com intuito de informar, persuadir, entre outras funções da escrita. Na representação histórica não é diferente, pois o historiador parte de um ponto, em que o mesmo não é isento de suas cargas históricas, desenvolvendo a sua própria representação de determinado tema. Sobre isso Chartier vai dizer o seguinte:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p. 17).

Por outro lado, a história cultural, não é engessada, permitindo que os historiadores interpretem a partir de suas concepções, subjetividades, leituras, chegando em sua própria plausibilidade ou verdade histórica, determinando assim um novo ponto de vista perante o tema estudado.

Há coações, que vêm, por sua vez, das intenções do texto, que vêm das possibilidades abertas ou fechadas pela forma de escrita de um texto, um manuscrito, um livro impresso, a tela de um computador. E há coações que vêm para cada leitor através de seu pertencimento a uma comunidade sociocultural (LOPES, 2022, p.151).

Esta colocação do autor mostra a posição do indivíduo, no espaço a que pertence é que vai facilitar a compreensão do mundo o qual ele faz parte. Desta forma o que o autor irá escrever será reflexo de sua posição na sociedade, e no espaço em que vive. Que para Bourdieu é caracterizado como “percepções do mundo social”. “[...] estratégias simbólicas de apresentação e representação de si que se opõem às classificações e às representações (deles mesmos) que os outros lhes impõem” (BOURDIEU, 1996, p. 115).

Caracterizando a representação da escrita, influenciada pelos meios, vontades internas e imposições externas do historiador, gerando assim, uma percepção de representação iniciada com a capacidade de influenciar uma representação de verdade histórica.

A REPRESENTAÇÃO DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS NA HISTORIOGRAFIA MISSIONEIRA

Tratando-se do entendimento da representação que envolvem a história das reduções jesuíticas, e como estas foram escritas ao longo dos anos, colocando as mudanças das interpretações dos simbolismos na escrita, obtiveram as mesmas questões de representação discutidas por Bordieu e Chartier. Os escritos que envolvem a história dos povos, sofreram modificações de acordo com as evoluções que a história cultural se desenvolvia. As representações quando criadas, sempre carregam seus propósitos, sobre isto Chartier vai trazer a seguinte afirmação.

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (1990, p. 17).

Trazendo estes elementos para a proposta de interpretação da criação das representações das reduções jesuíticas deve-se compreender que as representações criadas para definir e descrever estes povos também trazem em seu contexto um propósito eminente, que envolviam tanto a ordem jesuíta como o desenvolvimento das reduções.

Compreende-se que a remodelação cultural, e o modo de representação criado nas pesquisas sobre reduções jesuíticas demonstram, um modelo de poder simbólico, que era perpassado aos pares e mostrado para o restante da sociedade, através dos relatos, cartas e crônicas que se espalhavam, de acordo com o crescimento e criação destes materiais.

Com a criação de novos conceitos e perspectivas, voltadas a compreender os diversos pontos que antes não apareciam como importantes para a história cultural, a partir deste momento, passam a ter visibilidade como a cultura dos povos, a vestimenta, os próprios indígenas que antes não eram vistos como seres atuantes na história social. Chartier vai colocar este aspecto interpretado do seguinte modo “[...] que a representação mascare ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente. (CHARTIER, 1991, p. 185)

A escrita da história carrega simbologias em suas narrativas, transformando as representações conforme suas percepções interpretamos algumas obras de historiadores considerados clássicos, comparados com historiadores contemporâneos, contemplando nesta perspectiva as mudanças visíveis nas representações.

Cabe aqui explicar que a história cultural que surge com as transformações da escrita da história, sendo que não é intenção fazer usos anacrônicos na análise desta pesquisa, mas alertar para as mudanças historiográficas, entendendo seu modo de escrita na reformulação das representações em que os pesquisadores relacionados as missões jesuíticas podem se imergir e interpretar.

A obra **História da Republica Jesuitica do Paraguay: Desde o descobrimento do rio da Prata ate os dias de Hoje anno de 1861** do autor Conego João Pedro Gay. Neste livro, o autor escreve sobre a chegada dos europeus na América Platina no final do século XVI começo do Século XVII. Sua obra trata da conquista e dos conflitos, que aconteceram nos territórios que fizeram parte das missões jesuíticas do Paraguai, privilegia uma representação eurocêntrica dos jesuítas em sua escrita deixando em muitos momentos povos originários em segundo plano, a margem da história.

Estes são retratados em um segundo momento, em que o autor passa a se preocupar em escrever sobre os povos originários, principalmente da banda oriental, destacando de modo abrangente o modo de vida de cada grupo, fazendo sempre que possível comparações entre os povos não reduzidos, que possuam algumas divergências por espaço ocupado, também mencionando os conflitos com os colonos.

A grandeza destes autores ou até mesmos dos chamados historiadores do Brasil Colônia estava na capacidade de controlar sua subjetividade, considerando assim o documento como algo fidedigno. Segundo Dosse, “o bom historiador metódico é (era) reconhecível por seu amor a o trabalho, sua modéstia e critérios incontestáveis de seu julgamento científico, rejeitando o que “Langlois e Seignobs Chamavam de ‘a retorica’ e a aparência ou ‘microbios literarios’ que poluem o discurso histórico culto” (DOSSE, 2003, p. 38-41).

A relação do autor com as fontes é uma ação de representação da época procurando no decorrer de sua escrita o máximo possível de neutralidade resultando assim em uma objetividade incondicional, estas questões apontam para uma crônica em que o autor se imergia em um período de tempo em que se fazia apenas a transcrição dos documentos, sem uma interpretação histórica dos ocorridos.

Desta maneira a obra contém aspectos descritivos da documentação, aparecendo em diversos momentos a figura da representação dos indígenas, mas referindo-se a estes do mesmo modo como os padres escreviam nos documentos. Mostrando as reduções jesuíticas através de

uma percepção europeia, mostrando os indígenas como uma consequência das ações dos jesuítas na América.

A obra **Missões Orientais e seus Antigos Domínios** do autor Hemetério José Velloso da Silveira, publicada em 1909, esta dividida em quatro capítulos relacionados com alguns municípios do Rio Grande do Sul. Inicia seus relatos trazendo questões que integram a fundação, ao desenvolvimento e a conquista das missões, no segundo momento traz consigo uma escrita como se fosse um viajante, que passando pelos sete povos missionários do grande projeto reducional jesuítico implementado pela coroa espanhola e pelos jesuítas. A sua passada pelas reduções jesuíticas, se dá a mais de um século depois do tratado de Madri, procura com seu relato criar uma Memória no seu leitor. Em seus outros dois capítulos a Região serrana e a Região da campanha e fronteira, continua a descrever sobre as mais variadas questões. Sua ênfase é para com os municípios da região da campanha assim em sua introdução o autor já coloca que.

Fomos mais metódicos, quando, na terceira e quarta partes, tratamos dos municípios fundados nas terras missioneiras, compreendida na conquista de 1801. Porém, quando na segunda parte tratamos das ruínas de Santo Ângelo, São Luís e São Borja, únicos povos jesuíticos conservados ou reedificados, logo tratamos dos municípios fundados nesse território, para não ocuparmos duas vezes diversas de cada um deles, sendo, uma vez tratando das ruínas ainda existentes; na outra, dos municípios, tais como hoje são. (P. VINCARD in DA SILVEIRA, 1909, p. 13)

Neste sentido, conseguimos destacar o cuidado com que o autor, teve em descrever, a região da campanha, em que as missões jesuíticas foram fundadas e se desenvolveram ao longo dos anos este trecho mostra que o autor foge das concepções teóricas da história colocando sua visão crítica nos relatos a partir da leitura das fontes em que teve acesso

Sua narrativa não tem a preocupação em fazer uma interpretação dos documentos fossem eles de algum cartório ou câmara de vereadores ou até mesmo a partir de relatos de memórias coletadas através das pessoas com quem Hemetério teve contato e dialogou no decorrer de suas viagens. Estas memórias que a obra nos traz acabam se transformando em fontes primárias no decorrer dos anos. Mostra claramente que a crítica histórica dos documentos e dos relatos coletados no decorrer de suas viagens não aconteceram.

O conjunto de dados e relatos feitos por Hemetério possibilitaram aos historiadores de história local e regional, a irem à procura de documentos em arquivos locais e não mais apenas nos grandes arquivos a nível estadual ou nacional, como era de costume dos historiadores.

Não pode ser caracterizada dentro das teorias historiográficas da época, embora podemos reconhecer que possam conter elementos de características historicistas e positivistas, com certeza influência de sua formação e de sua carga de ideologia do período em que viveu o autor. A obra traz uma representação das reduções jesuíticas detalhadas, para a percepção da época, permitindo que na atualidade autores buscam nas obras embasamento teórico quando se falado de missões jesuíticas.

A obra **HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL DOS DOUS PRIMEIROS SECULOS** de Carlos Teschauer, escrito entre os anos de 1918 - 1919 . O autor em seu primeiro tomo escrito em 1918, refere-se ao território que pertencia ao Rio Grande do Sul mas não necessariamente sobre o que conhecemos hoje por estado, e sim o território da banda oriental, partindo do ano de 1626 a 1687, trata primeiramente dos povos originários deste lugar, descrevendo suas posturas e seus costumes como povos “primitivos”.

A primeira parte, que corresponde ao primeiro dos dous tomos do livro, póde-se dizer, é uma pagina em branco, ao menos para a sciencia popular e universal, a segunda é outra em grande parte, enquanto escriptaa, requer, conforme o estado hodierno da historiographia, uma revisão radical (TESCHAUER, 1918, p. 03).

O autor traz um riquíssimo material das 30 reduções, que na época ainda não havia sido feito, utiliza-se dos mapas para que o leitor possa localizar melhor e perceber onde cada um dos povos originários se localizava também os primeiros fundadores destas reduções, escreve uma história baseada em documentos, históricos principalmente cartas entre os jesuítas e a coroa espanhola sobre o que acontecia no espaço recém conquistado.

A invasão de mamelucos na região do tape, para a captura de nativos o trabalho escravo, fez com que a autoridade provincial tomasse algumas providencias, como a transmigração dos povos que tivessem mais à perigo migrassem para a margem direita do Uruguai.

Apesar de terem sido diversas vezes rechaçados os mamelucos, era evidente uma cousa, que pela distância de 60 léguas em que ficavam do rio Uruguay as Reduções do Tape no centro do Rio Grand do Sul, não podiam ser defendidas efficazmente contra as continus invasões daquelles caçadores de Índios (TESCHAUER, 1918, p. 182)

Esta foi uma das maneiras que os povos, juntamente com a coroa espanhola, tiveram, para que suas reduções não fossem massacradas pelos bandeirantes, desta maneira, com o desenvolver da obra. O autor fala das primeiras organizações realizadas para a formação de exércitos nas reduções do Tape, para a defesa do território.

Desde 1638 em diante é repetido um nome, celebrado em todas as reduções entre os soldados espanhóis, temido entre os portugueses e mamelucos; é o dos antigos Riograndenses, dos índios Tapes que ocuparam o Rio grande central e oriental. Tape tornou-se finalmente nome generico em sentido de militar, de sorte que também os Guaranis foram nelle compreendidos. (TESCHAUER, 1918, p. 238)

O exército Guarani, se tornou importante para manter as reduções, cada uma das reduções possuía seus próprios guerreiros que se uniam para a defesa dos povos contra as ameaças externas.

O autor menciona com detalhes sobre a economia e conseqüentemente o funcionamento do comercio das reduções, “Em cada Reducção havia depositos ou armazéns dos Fructos da agricultura de Tupambae ou campo comum e dos produtos da indústria” (TESCHAUER, 1918, p. 333) o sistema de organização dos povos dentro das reduções com ênfase de como o jesuíta tratava o indígena diante das atividades de o trabalho dentro da redução. Onde cada indivíduo tinha sua função dentro daquele espaço.

No segundo tomo, lançado em 1921, tendo como delimitação de tempo 1687-1801 o livro conta com XVII capítulos, o autor retoma a história a partir do I tomo, desde 1687, retomando a história missioneira, esta parte da obra o autor dá mais ênfase sobre as missões da banda esquerda do rio Uruguai, ou seja, os sete povos. Regressando os emigrados fundaram os seguintes povos na margem esquerda do rio Uruguai

A região que escolheram para os novos estabelecimentos, era a mesma que tinha occupado as antigas Reducções de S.Nicoláu, N.ª. S.ª. Da Assunção, Apostolos, Caaro, Martires e N.ª. S.ª. Da Candelaria, e que banham os rios Paratinim e Ijuy; ou. Para servirmo-nos de uma expressão de então, era a Banda oriental - ; mas nem todas as reduções tomaram precisamente os seguintes assentos (TESCHAUER, 1919, p. 4).

Assim novamente se estrutura os povos da banda oriental do rio Uruguai após muitas investidas dos bandeirantes para a destruição das reduções, que já estavam ali colocadas. Além destes fatos o autor ainda menciona sobre os conflitos por território como o da Colônia de

Sacramento, entre os espanhóis e os Portugueses, em que o exército de ambos estava repleto de índios guaranis e charruas.

A economia das reduções também eram baseadas no gado vacum, e as pequenas lavouras que eles chamavam de Tupambaé, colheita da erva-mate, porem o gado era a maior fonte de subsistência pois as estâncias de gado eram que subsidiava os povos missioneiros. Desta maneira o autor descreve em sua obra como que principalmente se caracterizou o modo de vida dos 7 povos da banda oriental, após os vários conflitos que tiveram com os portugueses.

Com a conquista das Sete Missões completa-se a existencia territorial e politica do Rio Grande do Sul e attinge a seu termo esta história. Um rapido volver d'olhos sobre o estado deste tão importante como futuroso paiz ao tempo de entrar em nova phase de sua evolução cocluirá este extenso e arduo trabalho (TESCHAUER, 1919, p. 412).

O autor escreve nesta obra sua percepção histórica da construção do atual Rio Grande do sul, através da história das missões jesuíticas, desde sua fundação até os conflitos com os portugueses. Embora a historiografia de Teschauer seja considerada clássica no contexto da historiografia do Rio Grande do Sul, suas obras ainda são amplamente utilizadas como fontes históricas. As análises de suas fontes possibilitaram o desenvolvimento de uma escrita clássica fundamentada, o que permitiu que a análise realizada neste estudo estabelecesse uma comparação com a história positivista.

O livro as missões orientais do Uruguai de Aurélio Porto, 1949 foi escrito através de uma interpretação documental, coleção “de Angelis” fazendo uso dos documentos detalhadamente, este livro se caracteriza como sendo uma das obras importantes sobre as missões, muito utilizada pelos historiadores quando pesquisam sobre as reduções jesuíticas.

Ao iniciar as pesquisas documentais sobre que assenta este trabalho, que tem como principal fonte a preciosa *coleção de Ângelis*, mal vislumbrada pelos historiadores que versaram sobre as missões Jesuíticas, compreendemos, desde logo, a arduidade da tarefa que passaria sobre os nossos ombros nesta tentativa de nos distanciarmos das obras clássicas, que até hoje tem sido o veio quase único de que se teem abeberado os estudiosos desse ciclo de civilização aborígene do sul. (PORTO, 1943, p.03)

A obra e dividida em três partes sendo a primeira subdividida em cinco capítulos, nesta primeira parte o autor descreve, sobre os povos que habitavam cada parte do território do atual Rio Grande do Sul. Com a chegada dos Jesuítas e dos espanhóis muitos destes povos foram

extintos, o processo de conquista dos povos originários e a construção das reduções dos 30 povos que existiam neste espaço, menciona sobre o modo de vida nas missões desde a fundação dos primeiros povoados, até a chegada dos bandeirantes. Depois de muitas investidas para a captura de nativos e destruição as missões.

A segunda parte é subdividida em dois capítulos, onde o autor se detém a escrever sobre a economia missioneira, tratando de questões relacionadas ao gado e as vacarias como a principal fonte de sobrevivência das missões e como moeda de troca ou até mesmo de comercialização. O segundo capítulo da segunda parte está relacionado a expansão portuguesa no rio da prata. A terceira sobre os sete povos missioneiros dividida em cinco capítulos, descrevendo a fundação dos sete povos, são Borja, São Miguel, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel arcanjo, Santo Ângelo, São João Batista.

No capítulo II destaca o desenvolvimento do estado na época chamava-se Rio grande de São Pedro, os projetos de colonização, a distribuição de terras e as forças do armadas que estavam sendo formadas, no território missioneiro. No capítulo III vai mencionar sobre o desenvolvimento dos sete povos missioneiro, o serviço que os indígenas prestavam, para as reduções a economia que era gerada em torno das missões.

No quarto capítulo, trata da decadência dos Jesuítas, a ocorrência dos tratados de limites de 1750, a guerra nas missões, onde os indígenas lutaram pelo seu território, contra os portugueses. Com a expulsão Jesuítica Aurélio Porto escreve seu V capítulo com o foco na conquista dos Portugueses sobre as Missões Orientais do Uruguai, mostrando a nova administração e a decadência em que ela entrou ao longo do tempo, a miscigenação a formação do Povo do rio Grande do Sul e a integração do Indígena neste espaço.

Aurélio Porto é reconhecido como um autor de destaque no estudo das missões jesuíticas, tendo contribuído com elementos fundamentais para a compreensão do tema por diversos autores até os dias atuais. Em sua obra, Porto apresentou uma perspectiva inovadora e científica para a época, especialmente no que se refere à inclusão dos indígenas em sua análise, assunto que muitos autores da década de 1950 negligenciaram.

Assim a o longo da história das missões, novos autores se dedicavam cada vez mais sobre o objeto de pesquisa, ou seja, as reduções jesuíticas e seus domínios, a o longo do território do Prata, no ano de 1992, Tereza Blumers, lança seu livro **“La Contabilidad en Las**

Reducciones Guaranies” do ano de 1992, o trabalho escrito conta com V capítulos que retratam as missões jesuíticas, com uma abordagem da economia reducional dos povos.

Em geral a autora escreve sobre as reduções e a problemática que era a economia dentro do período reducional, fazendo uma introdução histórica de como que as reduções foram criadas no Paraná, Uruguai e Guairá. Neste primeiro capítulo ela retrata como que aconteceu a divisão territorial e uma discussão sobre os tratados que ocorreram no século XVIII.

Tereza Blumers em um dos capítulos de sua obra trata da produção dos 30 povos da província jesuítica do Paraguai, se apropria de fontes documentais importantes, até então fontes que não haviam sido trabalhadas, e apresenta os dados através de tabelas o que facilita muito o trabalho de outros pesquisadores.

Esta obra está escrita em é um trabalho de investigação e interpretação a partir dos documentos históricos todos eles especificado suas origens.

El lector comprenderá la necesidad de una introducción sobre los sujetos históricos de esta cantabilidad, reducciones guaraníes y comunidade de jesuítas misioneiros, a fin de que no nos desconcierten por sus relaciones com ocupaciones o instituciones, a primera vista, incompatibles; economia de los Oficios o Procuradorías de Misiones y pueblos guaraníes;etc (BLUMERS, 1992, p. 13).

A autora se preocupa com a compreensão histórica, dos sujeitos em que se refere o texto, no caso os povos originários chamados pela autora de “índios” das reduções Jesuíticas, termo aceito para a época, fazendo com que o leitor tenha um embasamento histórico do sujeito antes mesmo de ter contato com a história econômica das reduções.

Pode-se compreender desta forma, que a autora segue uma linha moderna da escrita histórica, usando métodos de interpretação de documentos, construindo uma representação das reduções diferenciada dos autores mencionados na pesquisa, evidenciando o protagonismo dos indígenas nas missões jesuíticas.

Ainda para entender a complexidade das representações das missões jesuíticas cabe destacar o entendimento das estruturas missioneiras, e as estâncias localizadas no território que hoje conhecemos como Argentina, Brasil e Paraguai. de autoria de Ernesto J.A. Maeder, e Ramón Gutiérrez, **“Atlas territorial e urbano das missões jesuíticas dos guaranis. Argentina, Paraguay e Brasil”**. Do ano de 2009. A obra retrata a estrutura dos trinta povos localizados nestes países, os autores se preocuparam em detalhar como cada povo e estância se

estruturavam, tanto em seu modo de viver, como de trabalho da comunidade guarani nas missões.

Representando não apenas as reduções, mas todo o trabalho envolvido nestas estruturas, bem como a importância do indígena nos trabalhos e na manutenção das estruturas missioneiras.

Os atlas territorial e urbano das missões jesuíticas dos guaranis, Argentina, Paraguay e Brasil, destes autores constituem um exemplo sábio e experimentado realizado por meios próprios e, portanto, muito valioso porque a proposta segue tendo plena validade e pode servir de base para investigações futuras de grande interesse para a região. Para começar, põe ordem num tema de extensa bibliografia, mas, ao mesmo tempo, desigual em propósitos e resultados; sua novidade consiste em rastrear os depoimentos gráficos da organização e distribuição das missões Jesuíticas em dois grandes trabalhos de pesquisa; o atlas territorial eo atlas urbano. São escalas necessárias cujo acerto comprova-se ao profundizaz no seu sentido. (SALMERON; in: MAEDER; GUTIEREZ, 2009, p.07).

O atlas mostra uma série de mapas importantes para o entendimento dos territórios das missões jesuítas enquanto povoado/redução, dando a compreensão de toda sua forma organizacional. Que demonstra de uma maneira aprofundada a organização destes grupos em seus territórios, permitindo que o leitor, perceba a configuração espacial a qual está atrelada as missões jesuíticas e seu sistema reducional.

Para entender as missões de uma forma política, pode-se citar a obra de Arno Alvarez Kern², cujo “**Missões: Uma utopia política**” conta com 275 páginas, lançado no ano de 1982, umas das primeiras obras que disserta sobre as missões em um contexto político.

É difícil qualquer afirmação quanto à organização política das Missões, sem que fique clara a referência a uma data ou período precisos. Neste sentido, esta investigação concentra-se na análise das instituições políticas que se corporificaram entre 1641 e 1707, não deixando de fazer referências aos fatos histórico e aos documentos anteriores ou posteriores a este período, sempre que isto se fizer necessário. (KERN, 1982, p.14)

² Tem experiência nas áreas de Arqueologia e História, com ênfase em Arqueologia Histórica, em História e Arqueologia das Missões Jesuítico-guaranis, Teorias da História e Teorias da Arqueologia. Atua principalmente nos seguintes temas: arqueologia, arqueologia dos sítios históricos, missões ibéricas platinas coloniais, relações interdisciplinares entre a história e arqueologia, povoamento pré-histórico e colonial do Rio da Prata, teorias históricas e arqueológicas. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) e presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB): de 1994 a 1995. É sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). Coordena o Grupo de Pesquisas PRO-PRATA. Como Professor Visitante Convidado participa anualmente (desde 2004) do Seminário "Peuplements et préhistoire de l'Amérique" do Pós-Graduação "Quatenaire et préhistoire" (Institut de Prè-histoire, IPH - MNHN), Paris, França.

O autor tem uma preocupação inicial de explicar como que se dava a administração espanhola no período colonial para com as missões bem como todas as instituições e estruturas criadas para que a coroa espanhola pudesse administrar as missões com êxito, e com a ajuda dos jesuítas, definindo as responsabilidades da coroa, dos jesuítas e dos guaranis. “A organização política, a mais primária, repousa sobre uma rede de relações nas quais estão implicados todos os membros do grupo ou da sociedade. Isto é válido tanto para a tribo guarani como para o império espanhol.” (KERN, 1882, p. 19).

Instituições foram analisadas dentro de todo contexto de criação e implementação do projeto reducional dos aspectos políticos, e da política econômicos, o papel político desempenhado pelos jesuítas dentro das reduções, a política de fronteira com o exército guarani. Arno Kern desenvolve uma representação histórica política em sua obra, desenvolvendo a história que envolve a política dentro das reduções e como que esta influenciava em todo o modo de vida dos povos que viviam reequacionados.

Moacyr Flores em o “**Colonialismo e missões Jesuíticas**”³ escrito no ano de 1983, traz uma produção de conhecimento com viés positivista, utiliza a coleção de “Angelis”. Como o próprio autor do prefácio elogia a isenção da opinião na escrita mostrando o viés tradicional utilizado pelo autor.

Ora, entre as qualidades que julgamos essenciais na obra do professor Moacyr Flores que ora apresentamos, está, a nosso entender, uma completa e consciente isenção, um total respeito pela objetividade dos fatos, ao mesmo tempo que a variedade das fontes utilizadas. Não descreve o autor, e nem poderia dar a versão definitiva do fenômeno missionário; não discrimina, nem poderia discriminar, o real valor das fontes que utiliza, mas o que faz, e muito, foa-lo com plena consciência, com absoluta sinceridade, com perfeita isenção de ânimo, sobrepondo sempre o fato á opinião, e a realidade objetiva à interpretação pessoal (ÁLVAREZ D.F; in FLORES, 1982, p.09).

Nesse sentido, a presente obra está organizada em 16 capítulos, os quais buscam retratar a história das missões jesuíticas desde o período colonial. Através da análise de documentos relacionados aos povos missionários e das incursões dos bandeirantes, o autor também explora os tratados de Tordesilhas, Madrid e Santo Idelfonso. Como exemplo, o Tratado de Madrid de 1750 foi elaborado com o intuito de garantir a navegação exclusiva na bacia do Prata e a

³ Moacyr Flores Porto Alegre, 1935 historiador brasileiro. É autor de mais de 20 livros, estudou principalmente questões da Revolução Farroupilha. Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1964) e doutorado em História pela mesma universidade (1993). Foi professor na PUC e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

exploração das ricas minas de Potosí pelos espanhóis (FLORES, 1982, p.63). Por sua vez, o Tratado de Santo Idelfonso representou o ápice da luta diplomática e militar entre as coroas de Portugal e Espanha pela posse da colônia do Santíssimo Sacramento (FLORES, 1982, p.115). O livro ainda aborda a transmigração dos povos, a expulsão dos jesuítas do território e a ocupação pelos portugueses de áreas antes sob domínio espanhol.

Desta maneira o autor escreve, ainda sobre os personagens (alguns lendários) que, fizeram parte da história do Rio Grande do Sul e das missões dando ênfase em nome como Sépe Tiaraju⁴, e Padre Sepp, mostrando como que foi a participação deles na história riograndense.

O último capítulo o autor, descreve a cultura missioneira como sendo algo totalmente implantado pelos europeus como modo trazido para colonizar os nativos, dando a entender que o povo nativo, seria um mero receptor dos ensinamentos europeus. Mostrando assim o quão isento de criticidade história o autor foi ao escrever a obra.

Ao longo do tempo, os teóricos da história têm aprimorado a escrita histórica, abandonando velhas formas de fazer história e aperfeiçoando cada vez mais a escrita de obras. O uso da tipologia na análise historiográfica tem várias funcionalidades, incluindo a capacidade de classificar obras históricas e esboçar uma periodização da história da historiografia. No entanto, sua principal função é fornecer os meios para se compreender que a historiografia é um construto mutável e que a estrutura da narração histórica se modifica ao longo do tempo (BERTASSO, 2017, p. 195).

Podemos observar a evolução da representação das missões jesuíticas na historiografia, na qual cada autor teve suas particularidades ao escrever suas obras. Em cada uma delas, pode-se notar um pouco dos métodos históricos utilizados pelos autores. Através desses métodos e críticas, a história ganhou cada vez mais credibilidade e desenvolvimento nas mãos dos novos historiadores que foram se formando. Nessa trajetória de livros referenciados, podem ser mencionados livros com uma escrita moderna que falam do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa consistiu em compreender a representação historiográfica da escrita de alguns historiadores considerados clássicos na história das missões

⁴ A lenda se Sépe Tiaraju, corregedor de S. Miguel durante a chamada guerra guaranítica do Século XVIII, presta-se para uma análise de seu núcleo lendário, de seus elementos míticos e estrutura histórica (FLORES, 1982, p. 93)

jesuíticas, que representaram, através da historiografia, os aspectos dos contextos reducionistas em diferentes períodos de escrita.

Para alcançar essa percepção, foi essencial explorar conceitos e autores que abordam a historiografia e a história cultural. Isso permitiu a elaboração de uma compreensão de como os autores estudados abordam suas escritas, trazendo à tona a perspectiva e as transformações da historiografia por meio da incorporação de novas pesquisas.

Através da análise de autores que abordam o mesmo assunto, é possível notar a mutabilidade da escrita histórica, em que conceitos são renovados e fatos são continuamente pesquisados, demonstrando que as narrativas são sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Nesse sentido, tanto as pesquisas antigas quanto as pesquisas mais recentes continuam sendo referências importantes para a produção do conhecimento histórico.

Foi possível perceber as mudanças historiográficas que ocorreram na escrita destes autores nos diferentes períodos, o que permite compreender um dos diversos aspectos da história cultural. A escolha da pesquisa se justifica por tratar da representação na historiografia que se apresentam na escrita dos historiadores, bem como por permitir compreender as supostas transformações que a historiografia das missões jesuíticas sofreu com o passar do tempo, mostrando os novos elementos que se apresentam sob novos olhares da escrita histórica. Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizadas as seguintes obras: “História da República Jesuítica do Paraguai: Desde o descobrimento do rio da Prata até os dias de Hoje anno de 1861”, “. História do Rio Grand e do Sul dos dous primeiros séculos”, “Missões Orientais e seus Antigos Domínios”, “História das Missões Orientais do Uruguai”, “Missões: Uma utopia política”, “Colonialismo e missões jesuíticas”, “La Contabilidad en Las Reducciones Guaranies”, e “Atlas territorial e urbano das missões jesuíticas dos guaranis. Argentina, Paraguay e Brasil”.

Cada obra apresentada traz em seu contexto diferentes métodos de escrita que estavam atrelados às representações historiográficas da época, ou seja, os aspectos considerados relevantes para a sociedade intelectual e para os autores da época. Estes aspectos foram se modificando com as novas representações que foram se transformando, principalmente com o surgimento da história cultural, trazendo novas perspectivas quanto à figura do indígena, que em muitas obras só eram percebidos de modo secundário, mas passaram a aparecer como protagonistas e figuras atuantes na história missionária.

Dessa forma, a pesquisa que envolve a historiografia dentro da história cultural traz aspectos significativos quanto à percepção das mudanças da escrita, principalmente como cada autor coloca seu posicionamento perante as missões jesuíticas e como essas percepções vão se transformando no decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. Tradução Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: USP, 1998. URDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: USP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **e a história Roger Chartier Debate com José Sérgio Leite Lopes**; Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2002, pp. 139-182.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1997.

BLUMERS, T. **La contabilidad em las reducciones guaranies**, Biblioteca Paraguaya de Antropologia, vol 15 universidade Católica Asunción, 1992.

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis**. Caxias do sul, Universidade de Caxias do Sul; Porto alegre, Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brindes; Livraria Sulina Editora, 1978.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Garlhado. Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, R. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.

COELHO, Fabiano. **Conceitos “cultura” e “representação”**: contribuições para os estudos históricos Fronteiras: Revista de História, vol. 16, núm. 28, enero-diciembre, 2014, pp. 87-99 Universidade Federal da Grande Dourados.

FLORES, Moacir. **Colonialismo e missões jesuíticas**. Porto Alegre, EST/ Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul, 1983.

GAY, Conego João Pedro. **História da República Jesuítica do Paraguai desde o descobrimeto do Rio da prata até nossos dias, ano de 1861**. Rio de Janeiro, Publicado por deliberação do instituto Histórico geographico Brasileiro 1863.

HOBSBAWM ERIC. **Sobre História**; companhia de bolso. 1997.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

MAEDER, Ernesto J.A; GUTIÉRREZ, Ramón. **atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas : Argentina, Paraguai, e Brasil/**; coord. De la ed, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico; colabora, Instituto do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional do Brasil (IPHAN) – Sevilha: Conesjaria de Cultura 2009.

MACENHAN, Camila Soares; MARTINEZ, Flavia Wegrzyn; TOZETTO Susana Soares: A constituição das representações dos sujeitos: uma análise com base em bourdieu, chartier e lefevre. **Fac. Sant’Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 2, p. 170- 189, 2. Sem. 2019 Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>

PANIAGUA, Edson Romário Monteiro. Fronteiras, **Violência e criminalidade na região platina: o caso do Município de Alegrete, RS**: Instituto cultural José Gervasio Artigas, 2013.

PORTO, Aurelio. **História das Missões Orientais do Uruguai**; Imprensa nacional, 1943.

KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

SEPP. Padre Antônio Sepp S.J. **Viagens às Missões jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**; 2º ed. Livraria Martins Editora S.A São Paulo. 1951.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre, Companhia União de Seguros Gerais, 1979.

TESCHAUER, Carlos S.J. **História do Rio Grand e do Sul dos dous primeiros séculos**, Tomo I. porto Alegre, livraria Selbach, 1918.

Tomo II 1921_____

Tomo III 1921_____

VOIGT, André Fabiano. **História e representação: a abordagem de jacques rancière**, Revista de Teoria da História Ano 6, Número 12, Dez/2014 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892, acessado [file:///C:/Users/Tiara/Downloads/admin,+Ranciere%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Tiara/Downloads/admin,+Ranciere%20(1).pdf)

WHITE, Hayden. **Meta-história**. São Paulo: EDUSP, 1993. (Ed. original 1973)